

# Traições, Pequenas Mentiras e Internet: conjugalidades contemporâneas e usos de mídias digitais<sup>1</sup>

*Traiciones, Pequeñas Mentiras e Internet:  
conyugalidades contemporâneas y usos de los medios digitales*

*Betraysls, small lies and the Internet:  
contemporary conjugalties and the use of the digital media*

Larissa Pelúcio  
Mariana Cervi

**Resumo:** neste artigo, as autoras exploram o mercado das traições sigilosas online baseando-se na percepção de usuários do site Ashely Madison que aceitaram colaborar. Para tanto, valeram-se do método etnográfico e de abordagem multidisciplinar para entender como amor e mercado, tecnologia e intimidade se encontram e de como valores tradicionais ligados à família, conjugalidade e masculinidade se articulam no universo das traições online. Neste sentido, acessaram perfis no site Ashely Madison privilegiando interações com os de homens entre 38 a 70 anos.

**Palavras-chave:** infidelidade, masculinidades, sites, traições, etnografia online.

**Resumen:** en este artículo, las autoras exploran el mercado de las traiciones sigilosas/silenciosas online a partir de la percepción de los usuarios del site Ashely Madison que aceptaron participar. Para ello, utilizaron el método etnográfico y el abordaje multidisciplinar para entender cómo amor y mercado, tecnología e intimidad se encuentran y de como los valores tradicionales conectados a la familia, conyugalidad y masculinidad se articulan en el universo de las traiciones online. En este sentido, accedieron a perfiles en la web Ashely Madison, y se centraron en las interacciones con perfiles de hombres que tienen entre 38 a 70 años.

**Palabras claves:** infidelidad, masculinidades, webs, traiciones, etnografía online.

**Abstract:** in the present paper, the authors carry out an exploratory analysis of the market of confidential online betraysls by examining the perceptions of the issue of those Ashely Madison Site users participating in the research. The ethnographic method and a multidisciplinary approach were employed in order to understand how love and market, technology and intimacy come together, and how traditional values related to family, conjugality and masculinity articulate in the world of online betraysls. Interactions between men aged between 38 and 70 were favored in the analyses.

**Keywords:** infidelity, masculinities, sites, betraysls, online ethnography.

---

**Larissa Pelúcio** é Professora assistente doutora do Departamento de Ciências Humanas – Universidade Estadual Paulista/ Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC, UNESP, Campus Bauru).

**E-mail:** [larissapelucio@yahoo.com.br](mailto:larissapelucio@yahoo.com.br)

**Mariana Cervi** é Graduanda em Psicologia (UNESP- FC, Campus Bauru).

---

<sup>1</sup> Este artigo, apesar de escrito em parte na primeira pessoa, conta com a colaboração de aluna de graduação Mariana Cervi, quem contribuiu com coleta de dados, análises de perfis e leitura de revisão do mesmo. Por me valer de alguns trechos textuais de seus relatórios como bolsistas PIBIC em projeto orientado por mim e por sua efetiva participação nos resultados aqui apresentados, considero-a como uma das autoras desse texto. Sempre que os dados e análises forem resultado deste esforço conjunto uso a primeira pessoa do plural para indicar essa produção.

## INTRODUÇÃO

Ele era um homem alto. Não grande, mas alto e magro, com aspecto um tanto frágil. Talvez essa impressão tenha sido provocada pelo seu ar cansado, ou pelos cabelos que começavam a ficar mais ralos e embranquecidos nas laterais da cabeça. Ele me reconheceu assim que entrei na confeitaria onde havíamos combinando de nos encontrar, em São Paulo, capital. Levantou-se. Foi quando vi que era alto e quase triste no seu terno azul escuro e suas mãos muito brancas. Pensei logo que ele não parecia um homem que trai. Difícil não acionarmos os estereótipos, mesmo quando estamos imersas/os em um campo científico, balizadas/os por nossos recursos teóricos e metodológicos. Em seguida afastei essa impressão tão de senso comum. Mas quando comecei a redação do diário de campo, naquela mesma noite depois do encontro com Adilson<sup>2</sup> na confeitaria, entendi que precisava voltar àquele julgamento súbito que tive quando o vi. Por que ele me pareceu um homem que não teria amantes? Como deve parecer um homem que traía a esposa? Estas questões se somaram a outras que já vinha mobilizando minha atenção investigativa desde que passei a pesquisar conjugalidades contemporâneas, intimidades e tecnologias, relações afetivas e mídias digitais, concentrando-me em sites comerciais que oferecem para pessoas casadas a possibilidade de se viver casos amorosos em sigilo.

Estas são reflexões iniciais oriundas de um campo relativamente recente vinculado ao meu projeto de pesquisa intitulado *Infidelidades.com*

<sup>2</sup> Todos os nomes de usuários do site citados neste texto são inventados para fins desta pesquisa.

<sup>3</sup> A pesquisa de Cervi intitula-se “Traição on-line: transgressão ou manutenção das normas? Uma análise dos perfis masculinos nos sites para relacionamentos extraconjugais no Brasil”.

- *a economia dos afetos nos sites brasileiros de traição*, desenvolvido juntamente com Mariana Cervi, bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC - CNPq)<sup>3</sup>. O objetivo geral é explorar o mercado das traições sigilosas *online*, a partir de pesquisa em sites que oferecem este serviço no Brasil, assim como na análise de algumas ferramentas publicitárias que

estes utilizam para divulgar seus serviços, bem como a repercussão na mídia e a aceitação do público alvo. Interessava-nos entender como amor e mercado se encontram (ILLOUZ, 2009). Como transgressão à ordem monogâmica pode servir, justamente para reiterá-la, hipótese aventada logo nas primeiras incursões por aqueles sites. Naquele primeiro momento exploratório nos perguntávamos, enquanto percorríamos ainda sem muita habilidade as páginas *online* do Second Love e do Ashely Madison, por que mesmo com a possibilidade se divorciar as pessoas preferem continuar casadas, ao mesmo tempo em que pretendem manter casos amorosos clandestinos? O que esse desejo, traduzido no número de usuários e usuárias dos sites<sup>4</sup>, pode nos informar sobre os matrimônios contemporâneos? Como a internet alterou relações afetivas de contornos mais tradicionais como são percebidos comumente os casamentos monogâmicos e heterossexuais?

Dados recentes mostram que as pessoas se separam cada vez mais<sup>5</sup> e que, diferente de outras épocas, muitas optam por permanecerem solteiras<sup>6</sup>. Mesmo diante desse quadro, homens e mulheres continuam se unindo para constituir uma família em relações reconhecidas perante o Estado. Essa aposta no matrimônio se traduz no número de uniões que, segundo o IBGE, aumentou nos últimos anos<sup>7</sup>. Ter esta parceria reconhecida tem se constituído, inclusive, umas das principais demanda políticas do movimento brasileiro de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT).

Passadas mais de três décadas desde a aprovação do divórcio no Brasil<sup>8</sup>, o que se assiste não é o fim da instituição casamento,

<sup>4</sup> O Second Love tem no momento, segundo dados oficiais, 1 milhão de usuários no Brasil, sendo 65% deles homens.

<sup>5</sup> 243.224 divórcios registrados em 2010; houve um acréscimo de 36,8%, em relação a 2009, quando se atingiu 174.747 divórcios concedidos (IBGE, Estatísticas do Registro Civil 2010)

<sup>6</sup> A proporção de pessoas de 10 anos ou mais de idade, por estado conjugal, em 2010, no Brasil era: 50,0% viviam em união; 35,4% nunca viveram em união; 13,5% não viviam, mas já viveram em união (IBGE, Resultados preliminares da amostra do Censo Demográfico 2010)

<sup>7</sup> Houve um incremento de 4,5% no número de casamentos em relação a 2009. Já os recasamentos (casamentos em que pelo menos um dos cônjuges era divorciado ou viúvo) totalizaram 18,3% das uniões, 11,7% a mais que em 2000 (IBGE, Estatísticas do Registro Civil 2010).

<sup>8</sup> Lei nº 6.515, de 26 de Setembro de 1977.

mas o aumento desse tipo de união, engrossada pelos “recasamentos” (pessoas separam-se para casar novamente). Se o número de divórcios poderia contribuir para a hipótese de ser o casamento uma instituição desacreditada, os dados censitários recentes mostram que as pessoas continuam investindo nesse tipo de união, mesmo havendo maior permissividade social para que outros roteiros de vida sejam experienciados.

Como entender uma sociedade que aposta no casamento monogâmico, heterossexual (ou não), com fins procriativos (ou de constituição de prole) e a significativa adesão de inscritos/as nos sites de traição<sup>9</sup>?

<sup>9</sup> A base de usuários do Ashley Madison no Brasil subiu de 370 mil para 520 mil usuários, após comprar a base de dados do Ohhtel (<http://g1.globo.com/economia/negocios/noticia/2012/04/site-de-traicao-ashley-madison-compra-base-de-usuarios-do-ohhtel.html>)

Estes serviços aportaram no Brasil gerando muita publicidade e mobilizando a atenção dos *mídia*, o que, em nossa interpretação ainda aproximativa, traduz ansiedades coletivas frente às patentes mudanças nas dinâmicas das relações contemporâneas, atribuídas,

entre outros fatores, ao acesso crescente às novas tecnologias de comunicação. “Refletir acerca dos relacionamentos virtuais é refletir sobre a mais radical mudança no campo dos relacionamentos humanos na época contemporânea. Ainda que do ponto de vista quantitativo o número de pessoas que tem acesso a essas novas formas de relação seja pouco significativo”, afirmou o doutor em comunicação social, Márcio Gonçalves, em seu “Amores virtuais” (2009, s/n).

Estas mudanças, porém, afetam de forma distinta homens e mulheres. Miriam Goldenberg (1997, 2006), Andrea Moraes Alves (2009) e Marion Arent (2009), em seus estudos que envolvem traição conjugal, chamam atenção para o recorte de gênero que atravessa as relações extraconjugais buscadas fora ou por meio da internet. Atentas a este marcador, focamos nossas observações nos homens que procuram relacionamentos com mulheres. Pretendemos, assim, não só dar densidade às maneiras como estes homens mobilizam valores da masculinidade

(ou os desafiam) quando se filiam aos sites de traição, como também, problematizar as relações heterossexuais e estáveis, relegadas pelos estudos mais recentes sobre sexualidades que têm priorizado as homossexualidades.

Especificamente, procuramos compreender como homens casados que se anunciam como heterossexuais em um site que promete serviços seguros para a traição conjugal apresentam-se a si mesmos, o que dizem que procuram, como expressam seus desejos sexuais e afetivos, que tipo de relação estão buscando, o que esperam das possíveis parceiras e, sobretudo, como falam do casamento. Com estas questões em mente empreendemos o esforço de entender em que medida a internet interfere nas formas desses homens se relacionarem, inclusive no plano doméstico. Instiga-nos o fato de muitos revelarem que desejam manter seus casamentos, ainda que estejam desejosos por “aventuras” e por viverem novas emoções fora deles.

## 1. A Vida é Curta, Curta um Caso<sup>10</sup>

Em outubro de 2011, Mariana Cervi abriu seu primeiro perfil nos sites voltados para traição. De início eram três, o Ashley Madison, o Second Love e o Ohhtel. Este último foi comprado pelo primeiro e seu banco de dados transferido para o comprador. De maneira que já no início da pesquisa reduzimos os espaços de observação para dois sites. Naquele primeiro momento, a ideia era conhecer como funcionavam e explorar as suas ferramentas, mas não interagir com os homens que, por ventura, viessem a fazer contatos pelos mecanismos disponibilizados naquelas plataformas. No mês seguinte, eu mesma, Larissa Pelúcio, fiz também meus perfis. A partir deles passei a interagir com alguns usuários, trocando mensagens com base em ferramentas disponibilizadas pelos próprios sites, mantendo algumas conversas pelo Messenger e, posteriormente, trocando e-mails por intermédio de uma conta que criei especialmente para este fim.

<sup>10</sup> Slogan do Ashley Madison.

<sup>11</sup> De acordo com uma matéria da Folha Online (<http://www1.folha.uol.com.br/tec/1185591-site-de-adulterio-vai-abrir-escritorio-no-brasil-e-lancar-servico-para-bissexuais.shtml>), de novembro de 2012, a questão da impossibilidade de contatar ambos os sexos seria resolvida: “Site de adultério vai abrir escritório no Brasil e lançar serviço para bissexuais”, diz a manchete. No entanto, a própria matéria diz apenas: “homens casados que desejem ter relações extraconjugais com pessoas do mesmo sexo”, aparentemente, esse contato já é possível através do site, mas continua restrito a apenas um dos sexos por perfil. A matéria também revela intenções do site de criar um domínio específico para esse tipo de relacionamento, ao que Eduardo Borges, diretor do AM no Brasil afirma: “As pessoas que procuram esse tipo de relacionamento não são gays, mas sim homens casados [com mulheres] que estão buscando novas experiências”. Nada é dito sobre mulheres casadas que busquem relacionamentos extraconjugais com outras mulheres. Outra novidade poderá ser uma ferramenta no site para ‘mulheres idosas e homens que se dispõem a sustentar parceiras mais novas’. A novidade seria só no Brasil, no exterior os sites como o [www.seekingarrangement.com](http://www.seekingarrangement.com) já são muitos, um deles diz ter dez anos de existência.

Logo ficou claro que ao abrirmos perfis femininos não poderíamos interagir com homens e mulheres simultaneamente. Ambos os sites nos quais nos cadastramos (Ashley Madison e Second Love) não disponibilizam esse recurso. Ou se é uma mulher que busca relacionar-se com outra ou uma mulher que procura homens. A bissexualidade não é dada como opção<sup>11</sup>. Impeditivo que aparece nas limitações de escolhas no ato de cadastramento.

Optamos por não criar perfis masculinos, mesmo que fossem apenas para atuarem como “lukers”, ou seja, são observadores que não interagem (ver mais sobre essa forma de realizar pesquisa na internet em Amaral, 2010), pois pouco se pode fazer nestes sites com contas masculinas e gratuitas. Para realmente interagir como homem é preciso pagar. Mulheres, ao contrário, podem ter perfis sem custos, utilizar de todas as ferramentas disponíveis e ainda, no caso do Ashley Madison, enviar mensagens a cobrar para aqueles que venham a interessá-las.

Mudanças na dinâmica comercial dos sites, nossa paulatina familiaridade com as referidas plataformas e o desafio em administrar um volume bastante grande de informações fez com que optássemos por concentrar nossas

observações em apenas um dos sites, o Ashley Madison<sup>12</sup>. O site garante ter no momento (fevereiro de 2013) 17.890.000<sup>13</sup> de usuários anônimos cadastrados, reivindicando para si o título de “maior site de traição do mundo”. Na página de rosto da versão brasileira pode-se ler que

Ashley Madison é o site mais bem sucedido para encontrar um caso e parceiros de traição. Tenha um caso hoje na Ashley Madison. Milhares de esposas e maridos querendo trair se inscrevem todos os dias à procura de um caso. Somos o site mais reconhecido para encontros discretos entre os casados. Ter um caso nunca foi tão fácil. Com o nosso pacote de garantia podemos garantir que você vai encontrar o caso perfeito. Registre-se gratuitamente hoje (Página inicial do site: <https://www.ashleymadison.com>)

A mensagem fática vem abaixo da imagem comercial mais difundida do site: a foto parcial do rosto (não vemos seus olhos) de uma jovem mulher com o dedo indicador esquerdo nos lábios pedindo silêncio, como naquelas clássicas fotos de enfermeiras que ilustravam hospitais antigamente. No dedo anelar da garota propaganda reluz uma aliança. À esquerda da foto fica um quadro branco onde figura a logomarca Ashley Madison (cuja letra “o” simula uma aliança caída) e, logo abaixo, o slogan: “a vida é curta, curta um caso” (ambos trazem o r maiúsculo circulado, símbolo internacional de marca registrada). Em seguida, ainda no mesmo quadro, o convite para que o/a visitante experimente o site: “Para começar, diga o status do seu relacionamento”. São seis opções: “homem comprometido procura mulheres”; “mulher comprometida procura homem”; “homem solteiro procura mulheres”; “mulher solteira procura homens”; “homem procurando homens” e “mulher

<sup>12</sup> Esta escolha se deveu ao fato deste site ter mais usuários, ser mais dinâmico, pois oferece uma série de ferramentas que permitem interação mais ágil e produtiva para os fins desta pesquisa, além de ter sido por meio dele que obtive o maior número de contatos pela ferramenta de mensagens do site; recebi “piscadelas”, presentes virtuais, bem como de usuários que se dispuseram a participar da pesquisa. Assinalo que Mariana Cervi mantém, atualmente apenas um perfil como observadora, enquanto eu interajo com os usuários que entram em contato comigo.

<sup>13</sup> Segundo dados fornecidos via e-mail pelo próprio site, “no Brasil, temos 1 milhão de usuários, sendo que 65% deles são homens. 37% dos usuários são de SP, 11% do RJ, 10% de MG, 7% do PR e 6% do RS”.

procurando mulher”. Feita a escolha, abre-se uma nova página na qual um quadro apresenta um formulário de cadastramento sob a promessa “Você está quase terminando! Invista 30 segundos do seu tempo para completar seu perfil e começar a fazer buscas”. Ao fundo, empalidecido, os perfis de possíveis pares já são vislumbrados, mas não acessíveis.



É o próprio site que usa a palavra “pares”. Já na página de rosto o imperativo aparece: “veja seus pares”. Atenho-me um pouco aqui, antes de seguir apresentando a interface do AM. Interesse-me pelo “par”. Pela “paridade” sugerida na própria raiz da palavra. Na promessa linguística de se encontrar alguém parecido com você com quem você poderá partilhar segredos e desejos. Sem, contudo, afetar o par que se tem domesticamente.

Eva Illouz, socióloga que tem se notabilizado por suas discussões sobre amor e mercado na modernidade tardia, escreve que “nesta unidade”, o par contemporâneo, “os sentimentos são considerados reflexos de sua própria liberdade”. Podemos escolher. “O que implica que a sua ligação é livremente escolhida e que eles são livres para deixar uma ao outro” (Illouz, 2013: s/n. Tradução nossa). Nas conversas que mantenho por e-mail com alguns usuários do AM, essa sensação de liberdade em escolher e abandonar (sem mágoas, desejavelmente) pessoas com quem se estabelece contato via site é um elemento de atração frequentemente mencionado.

A possibilidade de lidar com um amplo leque de escolhas tem sido, certamente, um outro atrativo dos sites de relacionamentos desde que surgiram. Os encontros nas plataformas *online* e aqueles *off-line* proporcionados pelo contato prévio na *web* são organizados “sob a égide

da ideologia liberal da ‘escolha’. Nenhuma tecnologia que eu conheça radicalizou de maneira tão extrema a ideia do que como ‘selecionador’ e a ideia de que o encontro romântico deve resultar da melhor escolha possível. Em outras palavras, o encontro virtual é literalmente organizado dentro da estrutura do mercado” (ILLOUZ, 2011: 114).

Anunciar que são mais de 17 milhões de perfis anônimos disponíveis é operar mediante uma economia afetiva de abundância, diante da escassez de modelos de relacionamentos socialmente disponíveis e da miséria emocional que marca a experiência de pessoas que usam serviços de diferentes sites de relacionamentos<sup>14</sup>. O marketing do AM promete, com esse número, um excelente investimento: um (você) diante de muitos à sua escolha. Dezessete milhões! É como se toda a grande São Paulo ficasse ao alcance do seu toque, do seu escrutínio. O que é falacioso. Os próprios mecanismos do site colaboram para a queda vertiginosa de opções no catálogo de “pares”. O primeiro deles refere-se ao gênero que se procura, se homem ou mulher. O outro tem a ver com o Código de Endereçamento Postal (CEP) a ser preenchido no ato de cadastramento e que não ficará visível, mas servirá circunscrever uma área geográfica de interesse. Há ainda os limites que cada usuário vai elencando como faixa de idade das pessoas que lhes interessam, tipo físico, entre outros, mais subjetivos, relativos à maneira como as/os possíveis parceiras/os se apresentam, construindo sua “vinheta pessoal”<sup>15</sup> a fim de entrar no catálogo do site.

<sup>14</sup> Ver Beleli, 2012; Facioli, 2013; Illouz 2011; Miskolci, 2012; Zago, 2013.

<sup>15</sup> Segundo Luís Felipe Zago, as vinhetas pessoais “são expressões que combinam palavras escolhidas pelos próprios usuários para serem reconhecidos neste espaço, de modo que seus significados se articulam para produzir uma vinheta – uma mensagem prévia, uma introdução ou breve apresentação – das características e informações que cada sujeito escolhe para ser reconhecido ali” (Zago, 2009: 12).

Por fim, a internet coloca toda pessoa que está à procura de outra num mercado, em franca competição com outras. Ao se inscrever no site, você se coloca imediatamente numa situação em compete com os outros que não lhe são visíveis. Portanto, a tecnologia da internet posiciona o eu

de maneira contraditória: faz o sujeito dar uma guinada profunda para dentro, isto é, exige que ele se concentre em seu próprio eu para captar e comunicar a essência única que há nele, sobre a forma de gostos, opiniões, fantasias e compatibilidade afetiva; por outro lado, a internet também faz do eu uma mercadoria em exibição pública. O processo de busca de parceiro na rede é, ao mesmo tempo, a conjunção de um subjetivismo intenso – que assume uma forma psicológica – e de uma objetificação do encontro, através da tecnologia e da estrutura de mercado do site (ILLOUZ. 2011: 114)

Essa dinâmica citada por Illouz, de imersão no seu “eu”, ocorre também quando, na troca de e-mails com alguns usuários, pergunto-lhes o que procuram de fato no AM (é assim que muitos usuários grafam o nome do site). Que tipo de relação desejam, como elegem as mulheres para as quais irão enviar mensagens. Luiz, um carioca na casa dos 40, com nível superior completo e emprego na área das Tecnologias da Informação, me diz que busca “parceiras entre 35 a 50 anos, experiência de vida para mim é fator importante, tem que ter estória para contar nos momentos antes e depois”. Luiz gosta de escrever, me manda longos e-mails, aos quais

correspondo em extensão. Em trocas que nos levam aquele processo imersivo citado acima.

<sup>16</sup> Este número corresponde àqueles que enviaram mensagens mais longas e responderam a um primeiro convite de participação da pesquisa. Porém, recebi mensagens de abordagem e aproximação de cerca de 230 homens que, via este serviço (o de mensagens) disponibilizado na própria plataforma, redigiram texto comentando meu perfil e procurando contato comigo. O número de mensagens mencionado corresponde ao período de janeiro de 2012 a março de 2013 e inclui também mensagens enviadas pelo Second Love, site com o qual não trabalhamos mais.

Talvez seja o meio, quero dizer, o e-mail, que provoque, mais do que o MSN, essa textualização da subjetividade, presente nos contatos que venho realizando eivado de perguntas, mas também de relatos sobre a pesquisa, sobre meus achados e mesmo algumas questões pessoais demandadas por meus interlocutores. São momentos de introspecção no qual a maior parte dos homens que se dispôs a colaborar com meu trabalho, 28<sup>16</sup> até o momento, parece fazer profundas análises sobre sua presença no site, seus desejos, casamento, trabalho, frustrações, provocados por essa aproximação sistematizada balizada pelos interesses de pesquisa.

Nossa situação [dele comigo] parece-me mais com um divã com um analista sem rosto para mim... e me dando a conhecer, creio ajudar na identificação de meu comportamento e das ‘ações’ a mim associadas... Talvez eu me abra com você para expurgar minha culpa, também. Tenho pensado nisso. Não sou exibicionista nem ‘voyeur’ e até acho estranho o quanto falo esse respeito contigo... reli minha nota anterior e vi que estou precisando mesmo é desabafar... “untold crimes”... asfixiam a gente!! E o pior é que não sinto muita vontade de me relacionar mais intimamente com ninguém que conheci... caramba, vou acabar num divã de verdade logo logo! Qual é a minha afinal? (Ricardo, 48 anos, por e-mail)

Ricardo, certamente um dos mais instigantes interlocutores, já não está mais no site. “Desencantou-se”. Em um de seus últimos e-mails para mim escreveu:

Eu sou um ‘desencantado’ e já estou até meio saturado desse ‘novo espaço’ que você busca para pesquisa. O problema é que eu não o busquei um dia para pesquisa, mas sim como forma de ampliar minha realidade - isso mesmo, ter aquelas sensações que não vêm da tela do cinema nem dos microcomputadores. (...) sendo a “vida curta demais”, não podemos perder o tiro de largada, pois nem sempre dá para recuperar o que foi perdido (tks. Pink Floyd!!) (Ricardo, em 06/07/2012)

## 2. Afinal, que Tipo de Homem Abre Mão de ‘Caçar’ Mulheres para ser “Estudado”?<sup>17</sup>

Adilson é usuário do AM, site canadense voltado para relações amorosas e sexuais fora do casamento, que há desde o segundo semestre de 2011 oferece este serviço no Brasil. Já foi entusiastas dos chats, as salas e bate-papo online, onde conheceu uma mulher com quem viveu uma tórrida paixão que terminou por ciúmes dele e por desejo de independência dela, que durante o *affair* com Adilson separou-se do marido. Ambos sofreram muito com esse rompimento, contou-me ele olhando com olhos tristes para uma xícara de café.

Comprometi-me com Adilson em não mencionar nunca sua profissão e outras referências que pudessem, ainda que remotamente,

<sup>17</sup> Interrogação feita por Ricardo em uma de suas longas mensagens de e-mail trocadas com a pesquisadora.

torná-lo alguém “identificável” nos textos que ele espera que eu produza a partir da pesquisa com a qual ele aceitou colaborar. Posso dizer que tem filhos, que até o momento de nosso encontro naquela tarde paulistana, estava casado (desde 1986) e que acerca de um ano entra “esporadicamente” no AM, enviando mensagens para perfis que o atraem. Seu carro novo e visivelmente caro, sua escrita correta e abundante, seu gosto por literatura são elementos sociológicos que me ajudam a localizá-lo em um lugar de classe. Um perfil sócio-antropológico que o aproxima da maior parte dos 28 homens que se dispuseram a contribuir com esta pesquisa.

Em uma de nossas tantas trocas de e-mail, Ricardo me perguntou como seriam, “afinal, que os colaboradores” que me veem? “Os dados e informações fornecidas são confiáveis ou são apenas um pano de fundo para outras intenções? Eles ficam muito tempo nesse processo ou caem fora logo? (aposto na segunda hipótese, com duração de poucas semanas... mas é chute!)” (Ricardo, em 01/03/2012).

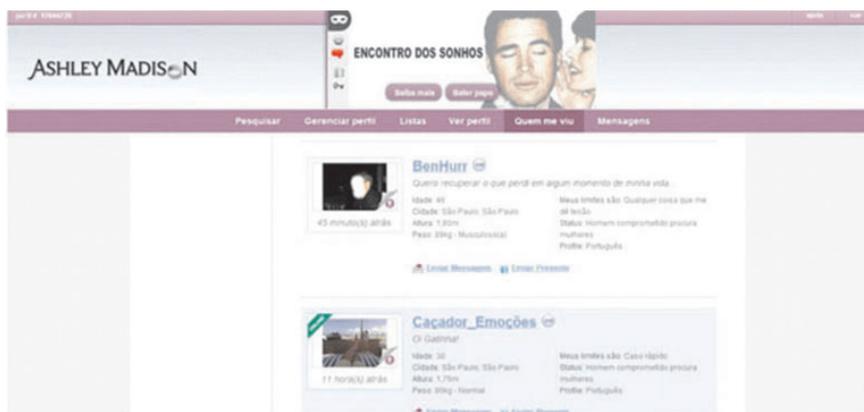
Na tentativa de responder este conjunto de perguntas fui organizando alguns elementos capazes de traçar perfis, sem, contudo, pretender criar “tipos”. Aqueles que se entregam de fato à pesquisa são os que estão muito mais dispostos a se dedicar à escrita introspectiva de um e-mail do que aqueles que apostam na dinâmica interativa de canais como o MSN. Teclei com poucos homens por este último canal, precisamente três. Com exceção de um deles, JCarlos, os demais procuraram me seduzir com abordagens diretas, pedindo para se mostrarem na webcam, solicitando insistentemente que eu fizesse o mesmo, trocando sempre suas fotos de apresentação no perfil do Messenger e esfriando a conversa na medida que iam percebendo que eu não desistia de manter o foco na pesquisa, perguntando-lhes sobre os usos que faziam do site, se já haviam conhecido alguém por aquele meio, como faziam para se diferenciarem quando criavam seus perfis, o que lhes atraía nos perfis femininos. Paralelamente, procurava responder a algumas de suas perguntas sobre minha vida pessoal, tornando de novo a questões pertinentes à pesquisa. Um deles me disse que precisava sair, havia aparecido um imprevisto. O outro, simplesmente desconectou-se.

Se os que escrevem e-mails ficam muito tempo trocando mensagens comigo? Em média trocamos em torno de seis e-mails.

Alguns desistem rapidamente, pois como Nei, representante comercial, 52 anos, gostariam que eu fosse menos focada na pesquisa. Apesar de ter sido gentil e de ter respondido muitas de minhas perguntas, em maio de 2012 ele colocou um fim nas interações com o seguinte e-mail: “Acho que não estamos procurando a mesma coisa não é, também já ajudei um pouquinho, né mesmo. Boa sorte ai na pesquisa, Ok”.

Outros como Ricardo se cansam, se decepcionam, desistem<sup>18</sup>. Ou como Adilson, entram esporadicamente no catálogo do site, pois já têm uma lista de contatos de mulheres pelas quais mantêm interesses diversos, inclusive de amizade e companhia, não apenas sexual, e podem acioná-las fora do site, por meio de outras plataformas ou mídias digitais.

<sup>18</sup> Ricardo voltou ao site um pouco antes de eu finalizar este artigo. Mudou o nickname e sua foto de perfil. No seu e-mail de retomada de nossas conversas me explica o porquê de ter voltado ao site. “Meus (ainda) altos & baixos profissionais acabaram me empurrando de volta. Às vezes, falta do que fazer, tédio... às vezes, vontade de ‘testar’ a popularidade no site, sei lá!”, Mais adiante analisa por que havia apagado seu perfil e ficado distante do AM: “A verdade é que eu tive uma ‘overdose’ de vida virtual e fiquei (mesmo!!) vários meses longe dela. Desencanei e ponto! Tenho hoje a certeza que existe no AM um ‘inferno fake’, tanto em relação a pessoas em si quanto às simulações do próprio serviço, mas por fim fraquejei e criei um perfil novo há cerca de um mês atrás”. (e-mail enviado em 19/03/2013).



Em comum, todos têm relativa familiaridade com esses meios. Já faziam uso de e-mails desde meados dos anos de 1990, naquele momento, quase sempre para fins comerciais. Ainda que 1/3 dos 28 homens com quem troquei algum tipo de mensagem via AM, tenham usado chats nos anos 90 com fins de socializar-se, conhecer mulheres e paquerar.

A maior parte dos homens com quem interajo ou interagi em algum momento desta pesquisa tem curso superior completo e mora no estado de São Paulo. Somente Luiz é da cidade do Rio de Janeiro. Apenas

<sup>19</sup> Em sua pesquisa de doutorado intitulada *Os Meninos - corpo, gênero e sexualidade em e através de um site de relacionamentos* (2013), Luiz Felipe Zago utilizou ferramenta semelhante para fazer a aproximação com possíveis interlocutores. No *Manhunt*, site para relacionamentos entre homens, estudado por Zago, é possível se fazer invisível na lista de visitas, mas também usá-la como uma forma de chamar atenção sobre si. No caso do AM, o “chamariz” pode resultar em uma economia de cinco créditos para efetivar um contato (mulheres não pagam para usar as várias ferramentas do site, não ocorre o mesmo com os homens), caso o perfil feminino visitado se sinta estimulada, atraída, em efetuar ela mesma a primeira aproximação. (os créditos custam entre R\$ 0,35 a 0,50, conforme o tipo de conta o tem o usuário, ou seja, com tipo básico com um conjunto limitado de serviços ou com mensalidade mais alta, mas com direito a um pacote mais amplo de serviços. Os preços também variam conforme o uso: quanto mais mensagens enviar, menos pagará por cada uma. Estas informações foram fornecidas pelos administradores do AM no Brasil).

Teo, Aurélio e Fernando, 42, 57 e 70 anos, respectivamente, não estão comprometidos. Os dois primeiros estão recém-separados, o último é viúvo há três anos. Apensar de ter uma namorada, Fernando, o mais velho dos homens com quem conversei até o momento, não se sente, de fato, comprometido, segundo me escreveu. Dos 25 perfis restantes, três deles têm namoradas ou noivas, os demais são casados. A média de tempo dos casamentos é de um pouco mais de 13 anos (13,4).

Diegoqueroce, Amanteouro, Homemcultosedutor, JoaoAndarilho, Kawboysp, Guri57, Gatopaulistano45, lindoAtleta, são alguns dos *nicks* usados por homens que se inscreveram no site. Estes procuram reunir no nome de apresentação dados e características que ajudem a anunciar idade, artifício dos mais usados; localidade de onde teclama; gostos e estilos corporais, além de sintéticas investidas de sedução. Quando visualizamos os perfis, além dos *nicks*, outros elementos gráficos e ortográficos servem para dizer mais sobre quem é aquele homem ou como ele pretende ser visto. Uma das ferramentas que utilizo para apresentar com mais detalhes os perfis esta disponibilizada como aba acima de meu próprio perfil: “quem me viu”<sup>19</sup>. Este é um recurso interessante. Fica claro para mim que nem todos que viram meu perfil se

interessaram em fazer contato. Mas esta é também uma ferramenta que pode funcionar como sedução, um convite.

Quando um usuário ou uma usuária acessam esta aba visualizam uma tela como a mostrada acima. Tem-se um conjunto de informações fornecidas pelo/a próprio/a criador/a do perfil<sup>20</sup>, acrescida das ferramentas de acesso que o site oferece, além da tarja verde que fica sobre a foto do perfil avisando se aquela pessoa está *online*.

Quero chamar atenção nestes classificados contemporâneos das frases escolhidas para constarem logo abaixo do *nick*. Mariana Cervi dedicou-se a arquivá-las a partir da observação dos visitantes de seu perfil de mulher de 28 anos, comprometida. Frases como “quero sentir de novo o friozinho na barriga” ou que insinuam busca por emoções prazerosas, são muito comuns e reiteram a publicidade do site, que promete reacendê-las, sem gerar, contudo, consequências desagradáveis<sup>21</sup>. “Gosto do sabor da conquista, do prazer do novo, da adrenalina”, informa este outro, acionando um dos motes desses ambientes virtuais de conquista: a aventura.

A aventura, escreve Mary Jane Spink, é definida “como a disposição de correr riscos. Trata-se de um componente importante da modernidade, expressa, por exemplo, na disposição de investir, motor principal da economia liberal” (2001: 1283). Investir na relação passaria também por correr certos riscos. Ainda que nos sites – tanto no AM como no Second Love, que compôs inicialmente nosso campo investigativo – haja um esforço em mostrar que estes seriam riscos controlados, por isso mesmo, podem ser desejados.

<sup>20</sup> Muitas pessoas não colocam foto no perfil, às vezes as deixam apenas para a Galeria Privada, a qual só é possível obter acesso mediante permissão do dono ou dona da conta. É possível solicitar a chave de acesso à Galeria Privada a partir de uma ferramenta própria. Assim, a solicitação chegará à lista de mensagens da pessoa abordada, cabendo a ela enviar ou não a “chave”, ou seja, a permissão. Os perfis sem foto figuram com uma silhueta cinza, nas dimensões e postura de uma foto 3 x4. A para homens apresenta uma figura de cabelos curtos, cinza com detalhes vazados que permitem visualizar um terno com gravata. Para mulheres a figura insinua cabelos longos e silhueta delgada.

<sup>21</sup> O que, como era de se esperar, não se concretiza de todo, como será discutido no tópico a seguir.

É ainda Spink, bebendo em diversas fontes, quem atenta para os sentidos da gestão do risco no nível da pessoa, na modernidade tardia.

Já a gestão no nível da pessoa, concerne, sobretudo ao imperativo de gestão da informação numa sociedade cada vez mais destradicionalizada e à luz de mudanças substantivas na natureza da informação (...). Tornando-se [a informação] uma exigência para a produção de sentidos no cotidiano, implica novas formas de vigilância, agora subsumidas pelo autocontrole do estilo de vida e pela monitoração constante de indicadores de qualidade (...). O cruzamento do imperativo da informação com os processos de destradicionalização tem implicações importantes. Há, antes de tudo, uma tendência à desnormalização, sendo a norma substituída pelo imperativo da opção (SPINK, 2001: 1282).

Um pouco dessa proposta aparece nos e-mails de Antônio Carlos, quando procura dar sentido ao que busca nos sites, uma vez que assumiu que não vê possibilidades de encontrar alguém “completo” por ali. Essa impossibilidade, teoricamente, seria uma forma de gestão do risco de que essas incursões on-line possam abalar seu casamento. Por outro lado, são essas “entradas” que o fazem sentir “vivo”.

Sabe aquele arrepio bom, quase tesão, de alguma coisa q vc talvez não vá fazer, mas q por alguns minutos te elevam a adrenalina? (...) dá um friozinho gostoso saber q vc está conectando pessoas de carne e osso como vc, com seus defeitos, virtudes, vontades, pecados. E que (não me interprete mal!) se vc apertar o botão certo, a pessoa se abre, te conta a vida. Todos temos necessidades de falar da gente mesmo pros outros (Antônio Carlos, 48, por e-mail).

Nessa “textualização da subjetividade” esperada e ansiada por nosso interlocutor, estaria o prazer, o gozo, experimentados de forma razoavelmente controlada. Ao acompanharmos os perfis, mensagens e e-mails dos usuários destes sites, temos a impressão de que seus administradores sabem muito bem o que estão oferecendo.

A linha entre o controle e a entrega parece ser tênue, daí a reiteração do “mantra” do amor à família, do respeito à esposa, da vida doméstica

como “porto seguro”. Alguns se apaixonam, mesmo quando acreditavam estar no controle de suas emoções e relações. Aconteceu com Karl, 41 anos (trabalha com arte e publicidade), casado pela segunda vez há cinco anos. No trecho de um de seus e-mails conta como se deu a aproximação com a usuária do site por quem se apaixonou:

Varias vezes quase nos encontramos, mas ela sempre dava alguma desculpa e fugia na última hora. Mas nos falávamos sempre, só nas palavras. Sentíamos muito desejo um pelo outro, um desejo diferente, pois o que mais erotizava esse desejo era justamente a distancia e as palavras. Sempre elas. (...) Nos encontramos há uns 2 meses atrás, passamos o dia juntos, foi maravilhoso, dessa vez ela estava 100% pronta para isso e totalmente entregue. Eu tb estava, embora confesso que tenha me sentido um pouco culpado qdo fui para casa. Mas não me arrependi, de forma alguma (E-mail enviado em 15/01/2013).

A mulher pela qual Karl se apaixonou mantinha um perfil “fake”, quer dizer, que não oferecia seus dados verdadeiros, mas o encontro e o que ele viveu ao lado dela foram experimentados como profundamente reais. Esta veracidade também é anunciada como mote de venda pelos administradores do site que garantem serem os perfis de pessoas que realmente existem e que desejam relações sigilosas<sup>22</sup>.

<sup>22</sup> O site oferece ferramentas para “denúncia” de usuários que possam estar violando as normas do site. Estas podem ser acessadas na página de entrada do mesmo.

As relações mediadas digitalmente (...) são um fenômeno recente, mas que conquistou adesão rápida e massiva sem deixar também de suscitar temores como o de conhecer, ou pior, envolver-se com alguém perigoso. Manchetes sobre crimes digitais, vazamento de e-mails, fotos e dados pessoais, às vezes, ainda se somam a casos de sequestro e morte. Haveria algo intrínseco às novas mídias digitais, um espaço novo e com regras próprias que precisaríamos aprender a explorar para sentir segurança em seu uso? (MISKOLCI, 2012: 35)

Miskolci responde esta questão valendo-se dos aportes de Nancy Baym (2010), para quem os estudos iniciais sobre o ciberespaço tenderam

a tratá-lo como uma esfera diferenciada e descolada da vida *off-line*, quando o que verificamos é que “real” e “virtual” são mais complementares que termos excludentes. Ainda assim, é preciso admitir, que há particularidades próprias das sociabilidades pela e na internet.

### 3. O AshleyMadison.com Foi Criado para Salvar Casamentos, já o Facebook...<sup>23</sup>

<sup>23</sup> Frase de apresentação do site em sua página oficial no Facebook.

<sup>24</sup> Para Illouz duas lógicas econômicas aparentemente contraditórias convivem e se tencionam quando as pessoas usam a internet para buscar relacionamento amoroso/sexual: a da escassez, típica da busca pelo amor romântico; e a da abundância, própria desse universo onde o número de perfis disponíveis é farto, maximizando as opções de escolha.

<sup>25</sup> Em *A Transformação da Intimidade*, Giddens refere-se ao lar como o *locus* de apoio emocional, uma espécie de consequência do investimento moderno no amor romântico, um empreendimento que fez do casal conjugal colaboradores em um empreendimento emocional conjunto.

Como se comportar, por exemplo, diante da abundância<sup>24</sup> de ofertas de emoções que os sites para relações extraconjugais oferecem e, ao mesmo tempo lidar com as previsibilidades cotidianas altamente regradas? Estas parecem anular o campo das possibilidades de experiências que envolvem aventura, paixão, *frisson*, anunciadas como artigos disponíveis no mercado dos afetos *online*. Ao mesmo tempo em que, a vida ordinária parece oferecer um referente seguro em um mundo cambiante<sup>25</sup>. Talvez por isso, os homens com quem estou interagindo não desejem mudar de vida, mas viver momentos que os ajudem suportar o dia-a-dia conjugal, emprestando a ele um calor que vem, justamente, do que se vive fora do casamento. Os sites oferecem a preços relativamente acessíveis (R\$ 70,00 em média), emoções revigorantes, estas também associadas de certa forma a consumo.

Antônio Carlos, 48 anos, mora em São Paulo diz, por e-mail, que tem “uma vida e uma família maravilhosas”. Foi apenas por “desejo” que se inscreveu no site. Pois, continua ele, mesmo que considere “utópico” gosta de acreditar que pode encontrar por

essa via “alguém completo”. O que para ele tem a ver com a reunião de atributos físicos e intelectuais que atendam suas expectativas. E se isso acontecer, Antônio Carlos deixará sua mulher? Depois de longo e-mail, onde se assume como contraditório, e por isso mesmo, humano, diz que não acredita nessa possibilidade. Por isso, não abandonaria a mulher, afinal o que ele busca é uma “utopia”.

O casamento não parece, nos casos citados acima, uma instituição que tenha provocado infelicidade para esses homens. Esta mais próxima da visão clássica durkheimiana da sociologia da família que toma o casamento como uma instituição capaz de proteger os indivíduos em um mundo anômico. “Sendo um instrumento de construção nômica, o casamento tem como função social criar para o indivíduo uma determinada ordem, para que ele possa experimentar a vida com um certo sentido” (Féres-Carneiro, 1998: s/p). O imperativo da opção como dispositivo avesso à norma, descrito por Spink em citação feitas nas páginas anteriores deste artigo, parece, esgarçar os desejos desses homens com quem troco e-mails. Pois, a maioria se diz felizes com o relacionamento que têm. Destradicionalizar esta instituição tradicional é enfrentar normas que conferem sentido de pertencimento a um grupo doméstico específico, o que também dá coerência aos atos repetidos do cotidiano destes homens. De maneira que o próprio exercício da masculinidade tende a ser percebido como bem sucedido. São bons provedores, quando têm filhos/as mostram-se zelosos quanto ao seu presente e futuro e a maior parte deles considera-se um bom companheiro.

Ao contrário dos dados apresentados em outras pesquisas (MAGALHÃES, 1993; PERLIN, 2006; GOLDENBERG, 2009 e 2010), os homens com os quais me comunico via sites para relacionamentos extraconjugais não parecem associar o casamento apenas à constituição de família, mas também como uma relação de amor e companheirismo. O que se mostra como novidade é a insistência em sustentar o casamento. Assim, quando sentem que a relação amorosa e sexual está em risco, fragilizou-se,

esfriou, não procuram sair dela, mas mantê-la, vivendo fora do doméstico as emoções que julgam terem perdido com a esposa.

“No fundo sinto falta de mais humor, mais arte e mais cultura no meu relacionamento. Se isso é a causa, jamais arriscaria dizer que sim, afinal cada um de nós é um ser tão complexo e de tantos ‘ocos’ que buscar no parceiro tão profunda explicação seria no mínimo covardia...”, analisa Karl, quando pergunto por que cadastrou-se no AM. No mesmo e-mail, ele segue na autoanálise que parece conduzi-lo para uma espécie de rearranjo, de acomodação de suas emoções dentro do casamento: “Acho que o que de fato me leva a essa possibilidade do proibido, da libido secreta é a minha incompletude...eterna, disso sei, mas as aventuras certamente são passageiras, acho que em breve a tendência é ‘voltar à linha’, como tantas vezes estive...” (E-mail enviado em 14/01/2013)

Antônio Carlos escreve sobre o respeito e mesmo amor que tem pela esposa, mas queixa-se da falta de sexo e de romance no dia-a-dia do casal. No caso de Natal, 44 anos, casado há três anos e meio, não é a falta de sexo que o estimula tentar outras relações pelo site, mas o seu desinteresse sexual pela esposa. “Amo ela com muito carinho e coração (...) No entanto, faz já tempo que não sinto mais desejo (sexual) por ela (...) A minha mulher se tornou basicamente a minha melhor amiga, e a mãe dos meus filhos... mas já não a amante que queria ter” (E-mail enviado em 19/03/2013).

Ricardo, “um devasso de família” que não tem histórico de “escapadas”, ou seja, de infidelidade. Quando o questiono sobre o porquê se inscreveu no site, diz, em um primeiro momento, que não tem um propósito definido, mas que descobriu ter prazer em interagir com mulheres da sua mesma faixa etária em contatos intermediados pelas mídias digitais. Um mês depois, em um de seus longos e reflexivos e-mails aventa a hipótese de ter ido buscar no site “uma válvula de escape” para a situação profissional que estava vivendo.

Parei para pensar e percebi que minha entrada no AM coincidiu com isso tudo [mudança de emprego, de uma situação de estabilidade entrou como sócio em uma empresa ainda iniciante] ou seja, provavelmente eu andava ansioso e esperava ter no AM uma válvula de escape qualquer. De início, tanto o trabalho quanto o AM pareciam ok e eu estava desencanado, mas parece-me que de uns tempos para cá (tipo no mês de maio) ‘caiu minha ficha’ e eu ando de baixo astral e preocupado, mesmo. O pior é que as perspectivas de curto prazo tb. não são animadoras. (...) fiquei meio ‘apavorado’ pela solidão que eu estava! (Ricardo, e-mail enviado em 11/06/2012)

Juan, atualmente em seu terceiro casamento que já dura há nove anos, é psicanalista, 57 anos, faz análises pormenorizadas de suas relações sem buscar verdades conclusivas.

Reconheço em mim desejos insatisfeitos. Além disso, sei que é impossível que minha mulher satisfaça tudo o que desejo. Esse reconhecimento é um indicador de que mantemos um relacionamento saudável. Se meu discurso fosse do tipo “ela é tudo para mim” seria uma total alienação e desresponsabilização diante de sucessos e de fracassos. Classifico o site de relacionamentos como um espaço de possibilidades para realização de desejos. A pergunta pertinente passa a ser “qual ou quais desejos quero satisfazer?” Sempre que penso sobre isso a primeira resposta que me ocorre é “gostaria de ter uma grande amiga” (Juan, e-mail enviado em 30/01/13).

Não parecem ser “amores fáceis” (COSTA, 2005), estes com os quais esgrimam esses homens. A tensão entre o exercício da individualidade e os compromissos da conjugalidade que pressupõem “unidade no par” (FÉRES-CARNEIRO, 1998) os tem colocado diante de dilemas reais. Como analisa Sofia Aboim, valendo-se de um leque expressivo de autores,

[...] o ideal de casal romântico, legitimado por um amor domesticado e sexualmente diferenciado, enfrentaria agora os desafios impostos pela crescente igualdade de gênero, a visão dinâmica e erotizada da relação e a valorização da individualidade (Giddens, 1996; Beck e Beck-Gernsheim, 2002). Na modernidade avançada, os ideais românticos seriam estreitos para conter a busca de auto-realização afetiva e a vida familiar

individualizar-se-ia ainda mais, impondo novos desafios às lógicas holistas tradicionais (Dumont, 1985; Velho, (2002 [1986]); Vaitsman, 1994). Já não seria o duo conjugal a quebrar amarras com a comunidade e o parentesco, nuclearizando-se, mas o indivíduo a enfrentar as tensões entre a busca de liberdade individual e as gratificações amorosas de uma vida a dois (ABOIM, 2009: 108)

<sup>26</sup> Aquele da modernidade tardia, articulado às mudanças comportamentais sensíveis vividas depois da segunda metade do século XX. Neste arranjo amoroso que, segundo Anthony Giddens, pressupõe simetria de gênero, investimento na transparência da relação, desobrigação da monogamia e comprometimento do par com o prazer sexual do casal, a separação não é protelada ou evitada, mas atualizada em nome do ethos individualista.

<sup>27</sup> Tereza Rodrigues Vieira, doutora em Direito Civil, esclarece que em termos legais “o casamento impõe determinados direitos e deveres para ambos os consortes. Assim, prescrevem os incisos I e V do art. 1566 do novo Código Civil a fidelidade recíproca e o respeito e consideração mútuos como deveres de ambos os cônjuges (art. 231, I do CCB de 1916). Cabe ressaltar que o Cód. Civil de 1916 não previa o “respeito e consideração mútuos” como um dos deveres; portanto, discute-se aqui a inserção da infidelidade virtual reiterada e comprovada como infração também do disposto no art. 1.573, VI, em razão de conduta desonrosa, com exercício repetido de prática de sexo virtual com um interlocutor” (VIEIRA, 2003: 11-12).

O que percebo nessas conjugalidades que estou acompanhado em longos e-mails trocados com meus interlocutores é que não se trata de viver o “amor confluyente”<sup>26</sup> (GIDDENS, 1993). Talvez se trate, e vejam que estou tomando como uma hipótese provisória, das consequências indesejadas desses arranjos das relações íntimas. Da flagrante contradição entre uma gramática social do prazer e da fruição permanente de emoções e aquela da conjugalidade, ainda orientada por relações contratuais de compromissos relativos ao cuidado, ao respeito e à fidelidade<sup>27</sup>.

#### 4. Tecle aqui para Sair

Os sites nos apontam para profundas mudanças nas relações conjugais, que passam pelas alterações nas relações de gênero, mas também pelas possibilidades que a internet como artefato cultural e como cultura em si mesma (HINE, 2004) apresenta, sobretudo para uma geração que ainda a tem como novidade. É preciso também considerar, como diversos/as autores/as já assinalaram, que *online* e *off-line* são espaços que determinam um ao outro. O aparecimento de serviços virtuais para traição

por si só já nos pede que considerações acuradas do presente, da vida fora da tela.

Os serviços que oferecem infidelidade sigilosa e *online* aportaram no Brasil gerando muita publicidade e mobilizando a atenção dos media, o que, em nesta interpretação ainda aproximativa, traduz ansiedades coletivas frente às patentes mudanças nas dinâmicas das relações contemporâneas, atribuídas, entre outros fatores, ao acesso crescente às novas tecnologias de comunicação.

Até o momento, o que tenho percebido é que estes homens não estão em busca de amantes, no sentido clássico, ou seja, da “outra” (GOLDENBERG, 2009). Querem, isso sim, “casos”. Desejam se sentir “vivos”, verificar se ainda têm “tesão como antes”, poder romper com a rotina de anos de casamento, sem, contudo, comprometer a relação. Os sites aparecem, então, como um espaço possível para essas “aventuras”, aparentemente, sem grandes consequências. Pois, muitos deles acreditam que terão controle sobre as relações que estabelecerão por ali. “Não tenho medo de ficar apaixonado”, conta Antônio Carlos, pois segundo admite, seu “porto seguro” é o matrimônio.

Não muito diferente do que Ricardo diz desejar:

vi no AM o único local que não precisaria mentir (muito...) para conseguir o ideal de “conhecer uma mulher para uma aventura recompensadora e descompromissada”. Tudo começou aí: na curiosidade da busca, na satisfação vinda das respostas recebidas e na idealização de um improvável encontro íntimo. Mas com tudo parando por aí também, sem chance de repeteco. Meu chamariz para o AM era esse: ter alguém interessante e coisas íntimas, ao vivo, de curta duração e sem culpas nem modificações na vida (E-mail enviado em 13/05/2013)

Ao fim, o lar, o casamento, a esposa, ainda se configuram para esses homens como valores a serem preservados, mesmo que para isso, tenham que trair. Porém, o que alguns têm constatado é que há mais imprevistos do que podiam imaginar a princípio ali, do outro lado da tela. Há também muitas decepções, não apenas com o próprio serviço oferecido, mas com o

tipo de mulheres que têm encontrado quando se conectam às plataformas. Elas parecem “assanhadas demais”, “problemáticas”, “vêm de relações infelizes”, “querem já partir para os finalmente”, desestabilizando, assim as expectativas de gênero para alguns desses homens.

Por outro lado, o sentimento de que a vida é curta e de que eles não são “*nenhum Georg Cloney, Eike Batista ou Mark Zuckerberg*”, faz com que considerem que as mulheres mais desejáveis no restrito mercado da traição estejam fora de seu alcance. Instalando um grande sentimento de frustração e os confrontando com seus medos de serem refutados e preteridos por sua idade, tipo físico ou condição socioeconômica. Em alguma medida, todos parecem, ali, correr certo risco de emasculação, o mesmo risco que correm se mantendo na rotina conjugal<sup>28</sup>. Talvez, estejamos diante de outros experimentos de masculinidade, vividos de forma ainda pouco elaborada, mas que têm esgarçado sentimental e socialmente estes homens.

Reflexivo, Karl escreve que

É engraçado o universo masculino de um homem sensível... por mais que a testosterona e a vontade de conquistar, seduzir e ter uma mulher desejada me insinue a buscar um site assim, qdo encontro uma mulher como essa, quem se entrega como motivo é o meu lado romântico, que no fundo parece ainda procurar uma mulher ideal (que não existe e se existir não ficará comigo... “eu, tantas vezes vil” e “reles mortal”). (E-mail enviado em 14/01/2013)

Talvez seja a constatação de que há mais homens como Karl no AM do que “liberados sexuais” em busca de prazer, que leve Ricardo a formular sua provocativa questão: “Não seria o AM um local de frustrados, muito mais do que de tarados ou liberados sexuais?”. Tendo a responder esta provocação com uma negativa. Os homens que me escrevem são

econômica e socialmente mais privilegiados que a média da população: a maioria absoluta tem nível superior, esta empregada ou se lançando em novos empreendimentos como autônomos, cultivam gosto por poesia, literatura, música e arte. Realizam em boa medida seus desejos, inclusive com breves conquistas logradas via site. Têm filhos, o que costumam apontar como fator de realização pessoal. Porém, os seus relatos denunciam insatisfações com algo que parece ser pessoal e interno. Parecem estar perdendo algo. Talvez seja essa sensação pouco sistematizada que Ricardo esteja classificando como frustração. Volto, enfim, àquele pergunta que ficou me rondando naquela noite em que redigia meu diário de campo depois de encontrar Adilson na confeitaria: “como deve parecer um homem que trai a esposa?”. Depois destas tantas páginas escritas entre leituras de muitas outras pesquisas, interlocuções profundas, releituras necessárias e imersões em mais de 300 páginas de e-mails arquivados, responder esta questão de maneira taxativa seria leviano e tolo. Mas uma hipótese se insinua. O homem que trai tem a cara do tempo presente.

## REFERÊNCIAS

ABOIM, Sofia. “Da pluralidade dos afetos: trajetórias e orientações amorosas nas conjugalidades contemporâneas”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, jun. 2009, vol.24, n.70, p.107-122.

ALVES, Andrea M.. “Fronteiras da relação: gênero, geração e a construção de relações afetivas e sexuais”. *Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana*, v. 3, p. 10-32, 2009.

ARAÚJO, Maria de Fátima. “Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações”. *Psicologia: ciência e profissão*, Brasília, v. 22, n. 2, Jun., 2002 .

ARENT, Marion. “(In)Fidelidade Feminina: entre a fantasia e a realidade”. *Psicologia Clínica*. Rio de Janeiro, vol.21, n.1, p..153-167, 2009.

AMARAL, Adriana. “Etnografia e pesquisa em cibercultura: limites e insuficiências metodológicas”. *Revista da USP*. São Paulo, n. 86, ago. 2010.

Disponível em: <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/revusp/n86/11.pdf>

BAYM, Nancy K. *Personal Connections in the Digital Age*. Cambridge: Polity Press, 2010.

BELELI, Iara. “Amores On-line”. IN PELÚCIO, Larissa; SOUZA, Luís Antônio; SABATINE, Thiago e MAGALHÃES, Bóris. *Sexualidade, gênero e mídia – olhares plurais para o cotidiano*. Marília: Cultura Acadêmica. 2012.

COSTA, S. “Amores fáceis: romantismo e consumo na modernidade tardia”. *Novos Estudos*, 73: 111-124, 2005.

FALCIOLI, Lara. *Conectadas: uma análise de práticas de ajuda-mútua feminina na era das Mídias Digitais*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar para obtenção do grau de Mestre em Sociologia.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. “Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade”. *Psicologia: reflexão e crítica*, vol.11, n.2, Porto Alegre, 1998.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade*. 2a.ed., São Paulo: Ed. da UNESP, 1993.

GOLDENBERG, Mirian. *A outra: a amante do homem casado*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2009.

GOLDENBERG, Mirian. *Por que homens e mulheres traem?*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2010.

GONÇALVES, Márcio S. “Amores virtuais”. *Logos*, ano 6, n. 10, 1º semestre/1999.

HINE, Christine. *Etnografia Virtual*. Barcelona: UOC, 2004. Colección Nuevas Tecnologías y Sociedad. 2004

ILLOUZ, Eva. *O amor nos tempos do capitalismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ILLOUZ, Eva. *El consumo de la utopía romántica. El amor y las contradicciones culturales del capitalismo*. Katz Editores: Madrid. 2009.

LEWGOY, Bernardo. “A invenção da (ciber)cultura: virtualização, aura e práticas etnográficas pós-tradicionais no ciberespaço”. *Civitas* (Porto Alegre), v. 9, p. 185-196, 2009.

MAGALHÃES, Andréa S. *Individualismo e conjugalidade: um estudo sobre o casamento contemporâneo*. Dissertação de Mestrado. Curso de Pós-graduação em Psicologia Clínica, PUC-Rio. 1993.

MISKOLCI, Richard. “A Gramática do Armário: notas sobre segredos e mentiras em relações homoeróticas masculinas mediadas digitalmente”. IN PELÚCIO, Larissa; SOUZA, Luís Antônio; SABATINE, Thiago e MAGALHÃES, Bóris. *Sexualidade, Gênero e Mídia – Olhares Plurais para o Cotidiano*. Marília: Cultura Acadêmica, 2012.

PERLIN, Giovana Dal Bianco. *Casamentos contemporâneos: um estudo sobre os impactos da interação família-trabalho na satisfação conjugal*. 2006. 284 f., il. Tese (Doutorado em Psicologia)-Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

RÜDIGER, Francisco. “Love on-line: paixão e poder no mundo da cibercultura”. *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 16, p. 61-77, dez. 2008.

SPINK, Mary Jane. 2001. “Tópicos do discurso sobre risco: risco-aventura como metáfora na modernidade tardia”. *Cadernos de Saúde Pública*, n. 17, p. 1277-1311.

VIEIRA, Teresa R. “Do dever de fidelidade e da prova da infidelidade conjugal na internet”. *Terra e Cultura*, Londrina - PR, v. n. 36, p. 10-17, 2003.

ZAGO, Luiz Felipe. *Masculinidades disponíveis.com - Sobre como dizer-se homem gay na internet*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2009.

ZAGO, Luiz Felipe. *Os Meninos - Corpo, gênero e sexualidade em e através de um site de relacionamentos*. Tese apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para obtenção do título de Doutor em Educação.

ZELIZER, Viviana A. “Dinheiro, poder e sexo”. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 32, Junho. 2009.